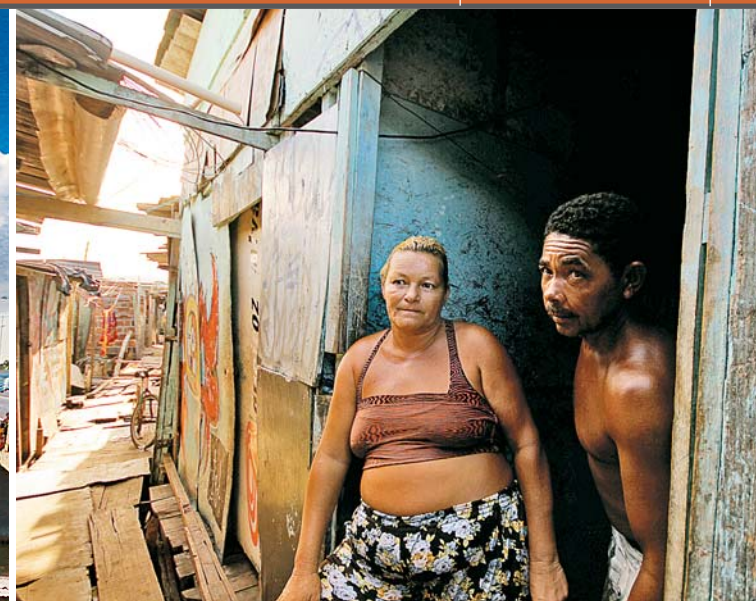
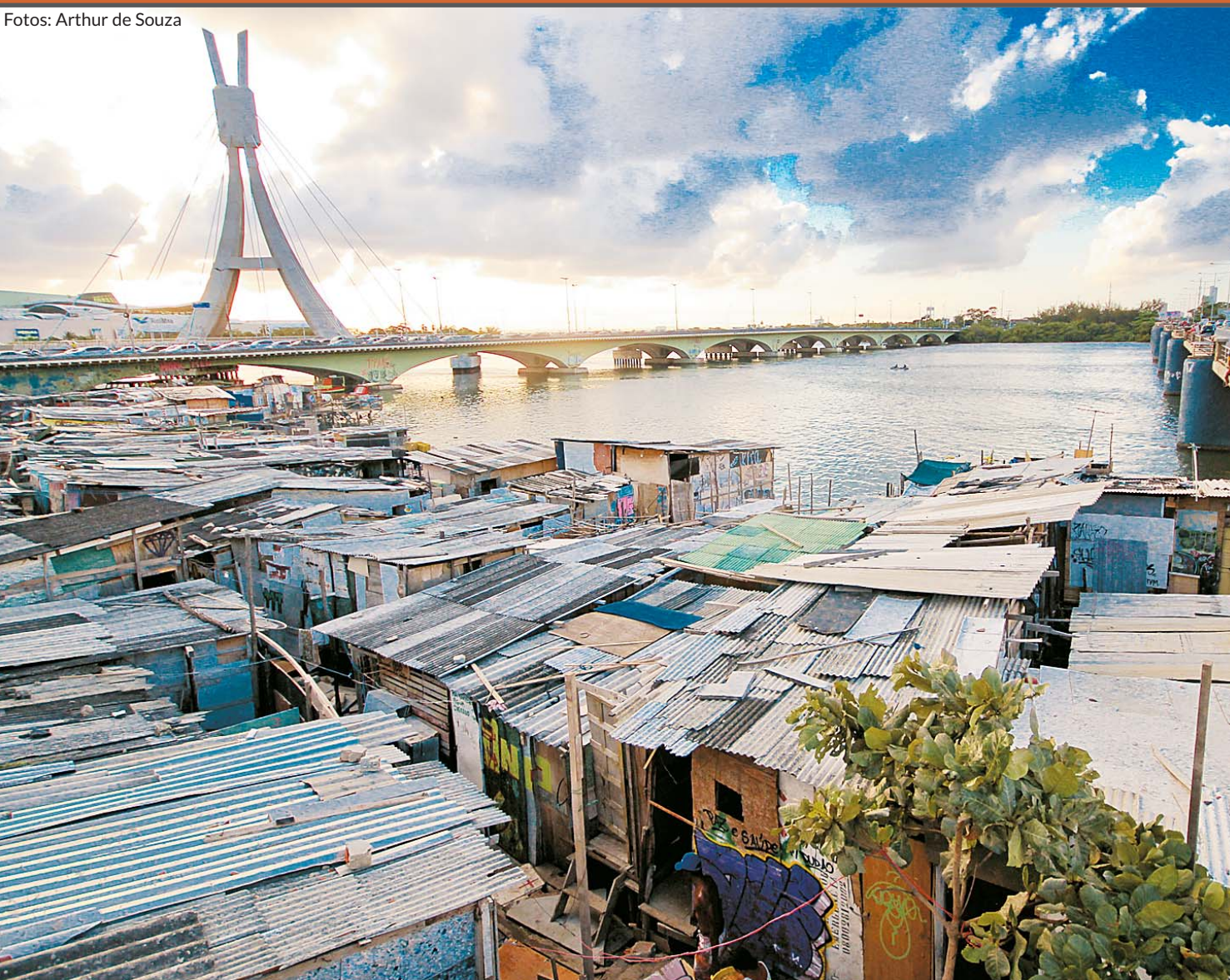
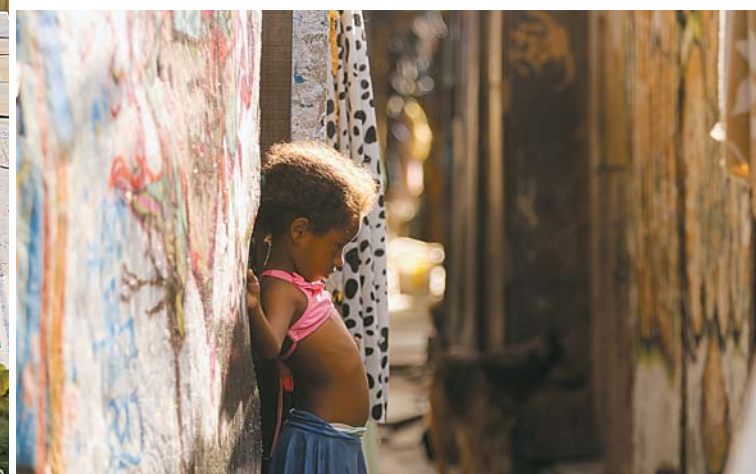


Fotos: Arthur de Souza



ANA LÚCIA (acima) mora em palafitas entre pontes na Zona Sul do Recife, uma miséria que aflige gerações



No Brasil, 9,5 milhões de pessoas ainda se encontram em situação de pobreza extrema

Falta de dignidade como rotina

DIA A DIA de quem ganha até menos que a metade de um salário mínimo é marcado pela luta constante para sobreviver

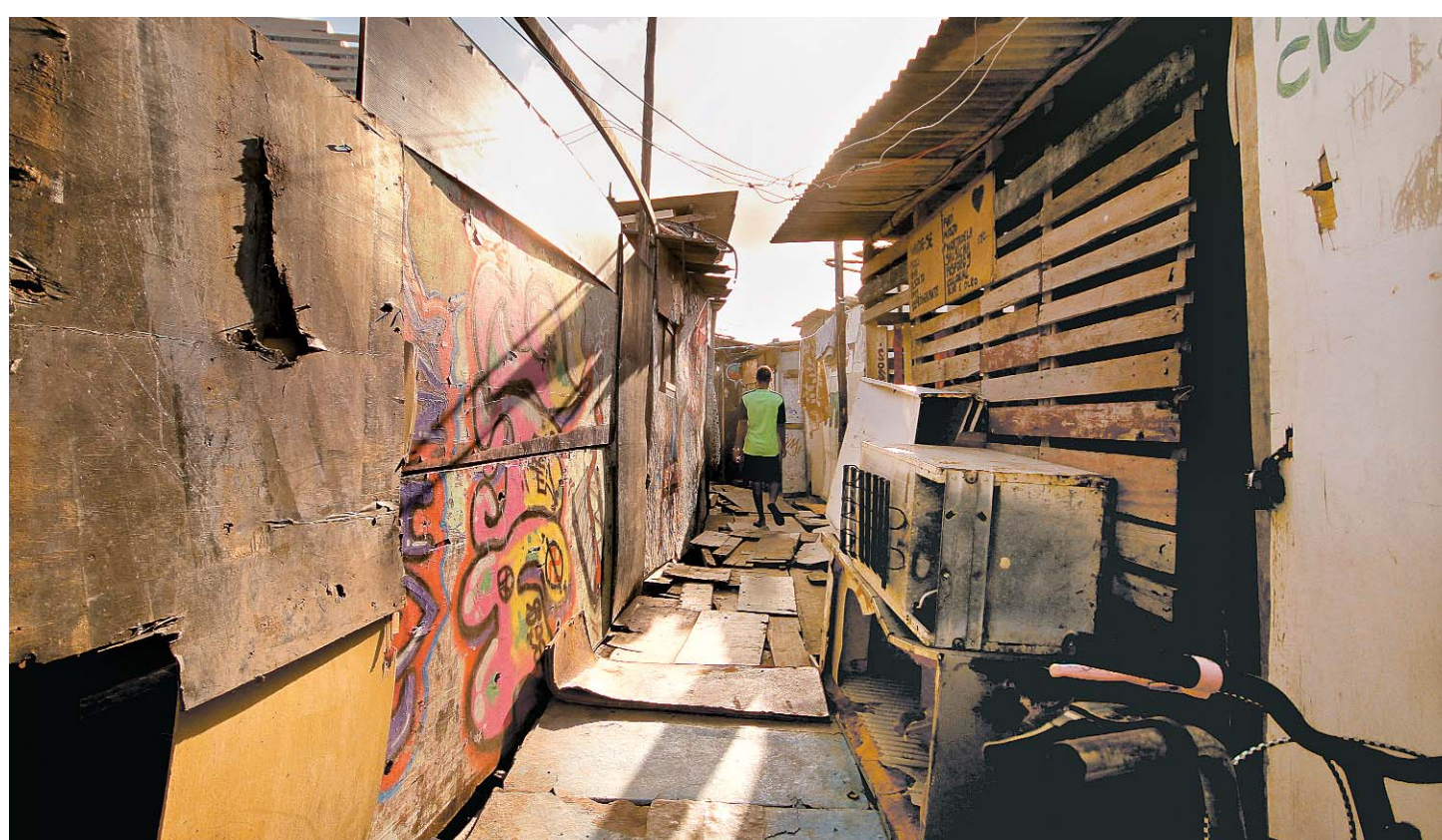
LUÍZ FILIPE FREIRE

Os primeiros raios de sol entram lentamente pela janela. Chega a hora de despertar, de atender às necessidades fisiológicas e de trabalhar. Para quem fica em casa, afazeres a cumprir, crianças para mandar para a escola... Essas atividades descrevem bem aquilo que se costuma chamar de rotina. É uma sequência de procedimentos que, embora morteie o dia de todos, não é igual para todos. Para uma parcela da população brasileira, que corresponde a cerca de 9,5 milhões de indivíduos, ela tem outros traços. Envolve miséria, moradia indigna, comida precária, ausência de esgotamento sanitário, exposição a doenças. São pessoas abaixo da linha da pobreza, que resistem ao lado de pontes, sob viadutos e às margens de canais. Em pleno século XXI, são sobreviventes a condições análogas às de antes de Cristo, invisíveis, moradores de onde ninguém quer estar. Pelas vielas da comunidade da Ponte, erguida em palafitas entre as pontes Paulo Guerra e Agamenon Magalhães, no bairro do Pina, Zona Sul, a pequena Micaely, 3 anos, é uma das que brincam em grupo com outros pequenos habitantes do local. A diversão é bem simples, mas funciona: um velocípede já desgastado, outros pequenos objetos que servem como carrinhos, uma placa de madeira para riscar as tábuas precárias que compõem o piso. Chão, aliás, que tem ao fundo água suja, lixo boiando e mosquitos. Mesma água em que os moradores lançam seus dejetos. Dentro dos barracos, em geral, dois ou três cômodos pequenos e úmidos para compor famílias de sete, oito e até dez pessoas.

prefiro ficar do que morar em outro lugar e não ter como me virar. Pelo menos, faço alguma coisa, pesco”, conta a mãe de Micaely, a marisqueira Leydiane Silva. Desiludida com a falta de oportunidades e, ao mesmo tempo, resignada. Parou na 8ª série e todo o dinheiro em que toca não chega a um terço de um salário mínimo. “Recebo R\$ 150 do Bolsa Família, uns R\$ 70, R\$ 80 que o pai (da menina) manda e uma pequena ajuda da minha mãe, porque estou parada por causa da gravidez”, relata a jovem, que está prestes a dar à luz Micael.

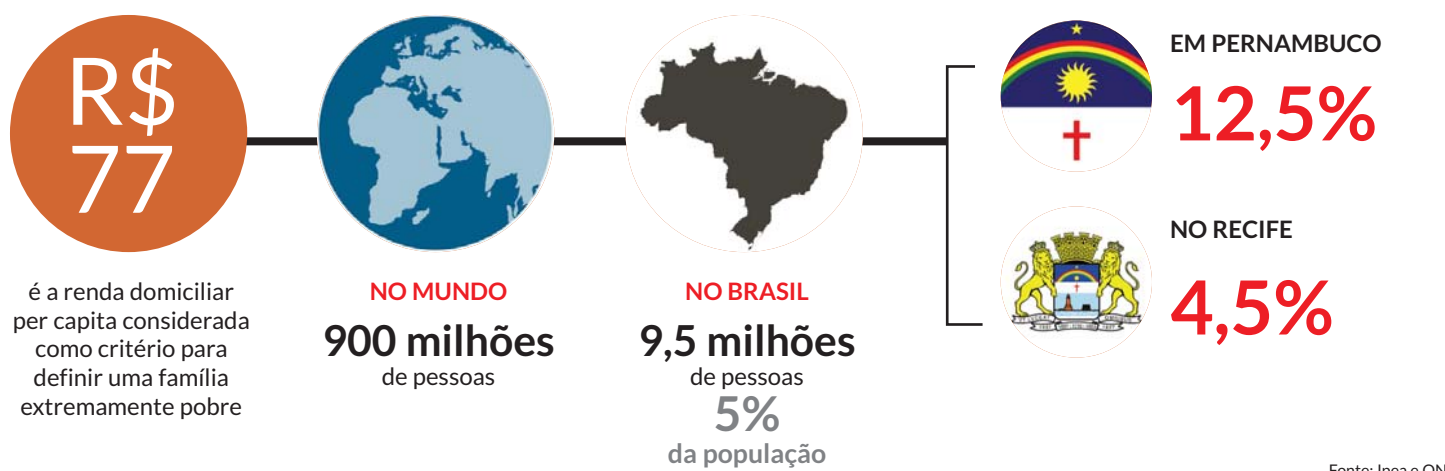
CONTRASTE

No dia a dia da marisqueira Ana Lúcia de Miranda, 48, as dificuldades também se multiplicam. A vista da palafita em que a família vive é um misto de beleza e dor. A água turva em que pescadores passam de barco ou caminhando é a mesma em que as crianças se arriscam, seja nadando, seja mergulhando de uma ponte. Falar das vidas que a maré levou é natural por ali. Afogamentos, quedas... Falar de doenças também. Vetores como ratos e mosquitos coexistem com humanos. Não é difícil encontrar quem fale já ter sido acometido por alguma das viroses transmitidas pelo *Aedes aegypti*. No outro lado da margem, o luxo de prédios altos e de um shopping contrasta com o cenário de miséria. “A gente vai se acostumando”, conta Ana Lúcia, enquanto faz a cata de sururus, que garante o sustento de dois filhos e seis netos. Vende o quilo a R\$ 20. Num vão precariamente apoiado em estacas, várias gerações se revezam para tratar o fruto da pesca feita pelos homens da família. “O que a gente ganha é só para comer. Não dá para muita coisa, não. São R\$ 500 para todo mundo, fora os agregados que vêm. Aperto não. É pra lá de apertado”, desabafa, ao mesmo tempo em que diz não ver condições de sair dali. “Melhor era que fizesses um pier, com umas casinhas aqui, para a gente trabalhar com dignidade. De que adianta ir para outro lugar e não ter como fazer o que a gente sabe fazer?”.



COM POUCO mais de R\$ 150, Leydiane luta para criar a filha em condições precárias enquanto carrega outro filho no ventre

Raio-x



Fonte: Ipea e ONU

DESAFIO

Os critérios para classificar famílias em situação de extrema pobreza variam de acordo com a metodologia, mas, no Brasil, costuma-se adotar a renda per capita de R\$ 77 por mês. Na última década, com a ampliação do alcance de programas sociais, os índi-

ces de miséria foram reduzidos em quase 65%. Para se ter uma ideia, em 2001, 13% da população do País estavam nessa condição. Agora, são 5%. Consta ameaça. Agora em tempos de crise financeira. O Governo se esforça para evitar cortes como no Bolsa Família, que, até este mês, beneficia

14,1 milhões de pessoas. “Há a inflação e o desemprego, ainda mais cruéis com quem tem vulnerabilidades. Comprometam as conquistas alcançadas por essas pessoas ao longo de anos”, explica o professor do Departamento de Economia da UFPE, Gustavo Sampaio, lembrando que há

outras problemáticas associadas, como moradia indigna e dificuldade de acesso à educação, na lista de desafios. “Os governos precisam se readaptar. Se houver cortes, que haja um esforço para identificar os mais necessitados, mesmo que numa lista em que só haja necessitados”.